

The background of the entire page is filled with stylized, wavy red flags on thin poles, arranged in a dense, overlapping pattern. The flags are a vibrant red color against a light cream background.

Maio de 58

António Torrado

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

Av. de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

www.incm.pt

www.facebook.com/INCM.Livros

editorial.apoiocliente@incm.pt

© *Sociedade Portuguesa de Autores*
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Título: Maio de 58

Autor: António Torrado

Conceção gráfica: INCM

Capa: Silvadesigners

Revisão do texto: INCM

Tiragem: 500 exemplares

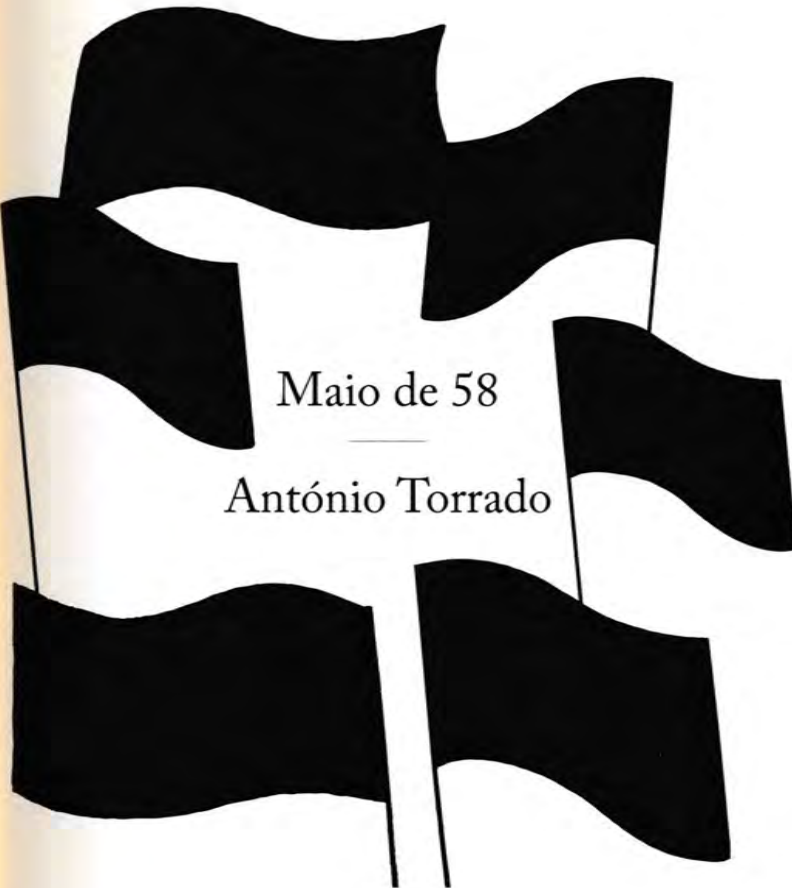
1.ª edição: abril de 2015

ISBN: 978-972-27-2358-9

Depósito legal: 387 535/15

Edição n.º 1020431

Coedição Sociedade Portuguesa de Autores/Imprensa Nacional-Casa da Moeda



Maio de 58

António Torrado

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A peça decorre entre maio e junho de 1958, quando um furacão político sacode o país. Um general no ativo apresenta-se às eleições para a Presidência da República, enfrentando o candidato designado por Salazar. Nas hostes do regime autoritário que governa Portugal, há mais de 30 anos, e até nas fileiras da rotineira oposição democrática, o sobressalto é enorme. Portugal não voltará a ser o mesmo.

Tudo o que depois aconteceu — tentativas revolucionárias, ações espetaculares, descrédito internacional do governo português, derrota na Índia, começo das guerras de libertação dos povos colonizados, etc. — teve o seu início no ato desassombrado de um antigo defensor e servidor do Estado Novo. Quando o general Humberto Delgado proferiu o célebre «Obviamente, demito-o», referindo-se à sua disposição de dispensar o ditador, o país percebeu que Salazar não era uma fatalidade nacional.

A onda de apoio popular elevou-se a níveis nunca antes atingidos. As manifestações no Porto, em Lisboa e por todo o país por onde o «General sem Medo» passou, no decorrer das escassas semanas da campanha, fizeram crer que a mudança era possível. Mas as inúmeras pressões e a fraude eleitoral generalizada intercetaram as esperanças.

CRONOLOGIA DA CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 58

- 15 de abril — anúncio da candidatura no *New York Times*.
- 19 de abril — formalização da candidatura.
- 10 de maio — conferência de imprensa no *Chave d'Ouro* e a frase «Obviamente, demito-o».
- 14 de maio — chegada apoteótica ao Porto.
- 15 de maio — aniversário do nascimento em 1906.
- 16 de maio — regresso a Lisboa — confrontos.
- 22 de maio — comício em Chaves (gravação).
- 30 de maio — frente comum com o outro candidato oposicionista (Dr. Arlindo Vicente), que desistiu em favor de Humberto Delgado.
- 2 de junho — revolta militar frustrada.
- 4 de junho — último comício em Lisboa.
- 8 de junho — dia das eleições.

SINOPSE DA PEÇA

Numa pequena estância termal do Norte do país, situada algures, entre Chaves e Porto, estância já um pouco antiquada e decadente, repercute-se em eco o que se passa nos grandes centros. É um microcosmos onde melhor se evidenciam as fraturas sociais e se desenham as diferentes reações que a campanha eleitoral provocou. Há os indefetíveis do Estado Novo, como o Dr. Palmeiras, dono e gestor das termas, há os que sofrem um rombo nas suas convicções, quando testemunham o crescendo da adesão popular, e infletem no sentido de apoiar o general, há os oportunistas que visam longe e há o bom povo, representado por um velho jardineiro analfabeto, pletórico de sabedoria popular, e uma empregada das termas que recalca sentimentos e ressentimentos inomináveis.

Completam o retrato de grupo um enfermeiro húngaro, refugiado em Portugal, depois da invasão soviética em Budapeste, e ainda não recomposto do abalo, um jovem e tímido padre que — supõe-se... — terá dado conta das suas inquietações ao seu respetivo bispo (bispo do Porto, Sr. D. António Ferreira Gomes), uma jovem austríaca, que nos ajuda a ver Portugal de fora para dentro, e uma arrebatadora figura feminina, D. Ana da Vitória Ponces d'Albuquerque, aliás D. Anita, que podia ser escritora e chamar-se Natália Correia, mas será

Cheira é um bocado mal, talvez por ter passado por alguma fossa, sugere o jardineiro Tobias... Afinal as velhas termas vão sobreviver mais uns anos...

MAIO DE 58
(peça em dois atos)

PAINEL DAS PERSONAGENS

Por ordem de entrada em cena:

CORONEL NAVARRO — 54 anos.

FILOMENA — 37 anos.

DR. PALMEIRAS — 65 anos.

DR. AMÂNDIO — 34 anos.

FÉRENC — 30 anos.

D. ANITA — 45 anos.

ASTRID — 23 anos.

TOBIAS — 70 anos.

PADRE LUÍS — 32 anos.

CENÁRIO ÚNICO

Zona central do edifício das termas. Referências arquitetónicas e vitralistas ao estilo Arte Nova, se bem que a ação decorra em 1958. Alguma decadência e desgaste na estrutura.

Ouvir-se-á o incessante correr de um fio de água, sem que seja visível a nascente termal, escamoteada num côncavo de gruta e defendida por balcão. Só a empregada de serviço aos aquistas (Menina Filomena) terá acesso à fonte. Sendo as águas caldas, emergirá continuamente da gruta ténue vapor de água.

À volta da gruta-fonte e do balcão que a protege, haverá portas de acesso a balneários e outros serviços das termas.

Na frente do cenário, espreguiçadeiras e bancos corridos, cadeiras e mesas de palhinha, numa peculiar mistura, típica das antigas termas, entre o ambiente de casa de saúde e o que caracterizaria um espaço de lazer e de veraneio da 1.^a metade do século xx.

1.º ATO

AÇÃO

Quadro 1

(Cenário vazio e ainda na obscuridade. Entra Menina Filomena de «juvenis» 30 e muitos anos, que tenta iludir. Abre os cortinados que ocultam os vitrais do fundo da cena, inundando de luz matutina o espaço cenográfico. Traz no braço bata dobrada e engomada que veste. Fica uma impecável funcionária das termas. Vê-se a um espelhinho de estojo de toilette e retoca-se. Percebe-se que se sente em forma para mais um dia de trabalho. Começa a entoar uma melodia popular dos fins dos anos 50. Suspende-se, espreita para fora, receando que venha alguém. Depois de certificar-se de que não vem ninguém, volta à melodia com mais à vontade, associando-lhe trechos da letra. Suspende-se de novo, desconfiada e timorata. A esta última interrupção, sucede-se novo e mais vivo surto de regozijo musical. Ouve-se tosse off. A Menina Filomena sustém definitivamente a cantiguinha e perfila-se atrás do balcão, assumindo a compostura eficiente de funcionária das águas medicinais. Entra o Coronel Navarro, ainda tossicando. Tem cerca de 50 e poucos anos. Veste uma espécie de balalaica com muitos bolsos, que o identificará com a carreira colonial. Traz livro na mão.)

CORONEL NAVARRO (*batendo no peito*) — Esta humidade da manhã dá-me cabo dos brônquios. (*Irritação na garganta.*)

FILOMENA (*risonha*) — O senhor coronel quer ser o primeiro sempre.

CORONEL NAVARRO — Em tudo! Até no mata-bicho. (*Poisando em cima do balcão o copo que traz com ele.*) Faça favor, o copo de três do costume. (*Gracejando.*)

FILOMENA — Hoje, medida 60. Não estou enganada, pois não?

CORONEL NAVARRO — A menina Filomena é um prodígio. Guarda as nossas receitas todas na cabeça.

FILOMENA — Muita prática, senhor coronel. Muitos anos de serviço. (*Emendando-se.*) Quer dizer: muitos não... Já alguns...

CORONEL NAVARRO — E quando as termas fecham? Ocupa-se em quê?

FILOMENA — No inverno? Ora... Aborreço-me. Sozinha em casa... (*Suspiro.*)

CORONEL NAVARRO — Quer dizer que os seus pais já... (*Suspende-se.*)

FILOMENA (*completando*) — Já, já morreram. Há uns poucos de anos. O meu pai... ainda eu era garota.

CORONEL NAVARRO — Nem tem... mais família?

FILOMENA — Ninguém, senhor coronel. (*Funda de-solação.*)

CORONEL NAVARRO — Caramba! Mas há de ter! Um homem que a estime e lhe dê uma ranchada de filhos.

FILOMENA — Oh! Na minha idade... (*Riso triste.*) Que eu não sou velha, mas o tempo vai passando pela gente...

CORONEL NAVARRO — Isto, no inverno, não há de ser muito animado...

FILOMENA — Um deserto, senhor coronel. Se eu fosse daquelas de entreter-me à janela, por trás dos vidros, podia ficar o dia inteiro à espreita que não passava viva alma. Só o Zé das Cabras, com o rebanho.

CORONEL NAVARRO — E o Zé das Cabras é solteiro?

FILOMENA (*riso*) — Taralhoco. Um papa-moscas, coitado. E aquilo é de família. Que horror!

(*Expressão de condoída compreensão do Coronel. Embaraçoso silêncio. Filomena enche o copo e dá-o ao Coronel, que o bebe de um trago e faz careta no final.*)

FILOMENA (*amavelmente repreensiva*) — Ai, senhor coronel! O que é que o Dr. Palmeiras recomenda? Beber a aguinha como quem mastiga. Devagar. Até porque está em jejum.

CORONEL NAVARRO — Tretas! Desde que vá para o bucho e me alivie destes malditos amargos de boca, depois do comer...

FILOMENA (*maliciosa*) — E a dieta, Sr. Coronel?

CORONEL NAVARRO — Agora? Do que é que serve? Anos e anos arranchado, a engolir porcarias. Sim, porque eu não era daqueles meninos que mandavam vir a comidinha de fora. Armados em fidalgos. Eu vim de baixo!

FILOMENA — É o que tem mais mérito.

CORONEL NAVARRO — Só Deus sabe os safanões que tive de aguentar. Patifarias sem nome. E tudo à conta de quê? Porquê?

(*Embaraçado encolher de ombros de Filomena.*)

CORONEL NAVARRO — Por ser filho de um sargento, veja o escândalo, um pobretanas de um sargento tarimbeiro. (*Pausa de reflexão.*) Um bêbado, Deus me perdoe e lhe perdoe a ele, que há de estar no Inferno, a pagar as vergonhas que me fez passar. Mas eu dei-lhes a volta. Com muito orgulho. E sem empenhos do senhor Governador não sei quantos, do senhor Bispo não sei qual. Sozinho. Subi a pulso e ninguém me deu a mão (*Arrota vivamente.*)

FILOMENA (*acudindo-lhe*) — Senhor coronel, não se exalte. Descanse.

(*Coronel vai a sentar-se e dá com uma folha de papel na cadeira. Tenta ler, mas percebe-se que os óculos de ver ao pé lhe fazem falta. Mesmo assim identifica a natureza do escrito.*)

CORONEL NAVARRO — Bravo! Não sabia que a menina Filomena fazia versos.

FILOMENA — Eu? Versos? (*Timidamente e perturbada.*) Não, nunca fiz...

CORONEL NAVARRO — Não me desminta. Tenho a prova. (*Agitando a folha de papel.*)

FILOMENA (*envergonhadinha*) — Ah, foi o Padre Luís que lhe deu? Uma brincadeira, para a festa das catequistas...

CORONEL NAVARRO (*sem prestar atenção à fala de Filomena e continuando, desesperadamente, à procura dos óculos nos vários bolsos do casaco-balalaica*) — Mas onde é que eu deixei o raio dos óculos? Eu trouxe-os. Olhe. Leia-os a menina. (*Conclusivo.*) Se são seus!

(*Coronel dá a folha para as mãos de Filomena e continua a procurar os óculos.*)

FILOMENA (*passando os olhos pela folha e num assomo de indignação*) — Estes versos não são meus. Nem a letra. (*Com repulsa.*) Eu não podia ter escrito estes versos!

CORONEL NAVARRO — Ah, já sei. Meti os óculos no livro que trazia. Onde é que o pus?

FILOMENA — Está aqui, senhor coronel. (*O livro poderá ter ficado poisado no balcão com os óculos entalados no meio das páginas.*)

CORONEL NAVARRO — Cabeça a minha! Estou a ver que tenho de dar um banho de esguicho aos miolos. (*Recuperando a folha e pondo os óculos.*) Então, afinal, os versos já não são seus... Rejeita o que escreveu, é?

FILOMENA — Eu não escrevo assim.

CORONEL NAVARRO (*que já começou a ler em surdina*) — Também me parece que não... (*Lê, agora, em voz alta. É de admitir que, no ênfase da leitura, sublinha um ou outro verso, repetindo-o ou destacando-o com qualquer outro recurso interpretativo:*)

Antes que o tempo cubra
e inunde cada instante,
antes que a água suba
bailemos nós na vasante.

Antes que escorram palavras
pela caleira do ouvido,
busquemos nós os sentidos
bebidos em outras águas.

Antes que soltem os sinos
suas vozes em cascata,
galguemos nós o destino
que não ata nem desata.

(*Apreciativo.*) É de alto lá com o charuto! (*Noutro tom.*) Esquisito. (*Pausa para releitura do trecho final.*) «Galguemos nós o destino que não ata nem desata»... O que é que quis dizer com isto? «Que não ata nem desata»?

FILOMENA (*quase a chorar*) — Mas se não fui eu... Não percebo. Eu não sei escrever essas coisas.

CORONEL NAVARRO — Pronto, rapariga. Assunto arrumado. (*Guardando a folha com os versos dentro do livro.*) E só lhe fica bem não se pavonear com versos que não lhe pertencem. Eu é que julguei... Apanhei a folha naquele banco. Ninguém esteve cá antes de nós.

Fazia sentido... Ainda por cima alguém aqui se queixa do destino... que não ata nem desata...

[Filomena chora, desabaladamente. Coronel tenta consolá-la. Neste preciso momento, entra o Dr. Palmeiras (60 e tal anos) que atravessa a cena, apressado, aparentemente indiferente ao que se passa junto ao balcão da fonte termal. Vai entrar por uma das portas. Estaca. Filomena disfarça as lágrimas e tenta recompor-se. Dr. Palmeiras vira-se quase como um autômato e chama.]

DR. PALMEIRAS — Coronel Navarro, pode dar-me um instante de atenção?

CORONEL NAVARRO — Diga sempre, doutor. O meu tempo é o seu.

DR. PALMEIRAS (*puxando-o de parte, secreto*) — Tem tido notícias de Lisboa?

CORONEL NAVARRO — Lá no serviço sabem que eu estou em repouso. Não se atrevem!

DR. PALMEIRAS — Leia o jornal de hoje.

CORONEL NAVARRO — Não chegam antes do meio-dia... E eu, em férias, dispenso a jornalada. (*Perante a expressão formalizada do Dr. Palmeiras.*) Houve algum azar?

DR. PALMEIRAS — Eleições presidenciais. A trapalhada do costume...

CORONEL NAVARRO — Não me doa a mim a cabeça, Dr. Palmeiras. Venham os Presidentes da República

que vierem, que o Salazar está de pedra e cal. E que Deus o guarde. Por muitos anos. (*Arrota.*) Com licença.

DR. PALMEIRAS (*farejando clinicamente o hálito do Coronel*) — Moderação no beber.

CORONEL NAVARRO — A água?

DR. PALMEIRAS — O vinho.

CORONEL NAVARRO (*jovial*) — Foram só uns cálices de Porto, ontem à noite, na batota... (*Risonho.*) Beber vinho é dar de comer a um milhão de portugueses. É uma recomendação nacionalista!

DR. PALMEIRAS (*indiferente e sempre severo*) — O burburinho de Lisboa já chegou cá acima.

CORONEL NAVARRO — A estas santas termas? Não acredito.

DR. PALMEIRAS (*secreto e dando-lhe uma folha para as mãos*) — Leia o que meteram por baixo da porta do meu quarto.

CORONEL (*que já antes se desfizera dos óculos*) — Onde é que eu pus os óculos?

FILOMENA (*acudindo-lhe, dando-lhe a caixa com os óculos*) — Tem-os aqui, senhor coronel.

CORONEL (*pondo os óculos e passando uma vista de olhos*) — Outros versos? (*Risonho.*) Menina Filomena, o seu concorrente está a produzir mais versos do que as cabras caganitas.

(*Filomena aproxima-se.*)

DR. PALMEIRAS (*como se a enxotasse*) — Isto não é consigo. Vá para o seu serviço.

CORONEL — Mas pode ouvir ou não pode?

DR. PALMEIRAS (*depois de breve hesitação*) — Não é conveniente.

CORONEL NAVARRO (*tom de amável repreensão para Dr. Palmeiras*) — É uma pessoa crescida. Que diabo! (*Para Filomena.*) Ora escute. (*Começa a ler:*)

Portugal é nome inteiro
nome de macho e confere
que os outros são de mulher,
ovelhas de um só carneiro.

Deste dom tão desigual
não se tire consequência
que quem reina em Portugal
com glacial pesporrência
converteu-se à abstinência
do regime monacal.

Paciência e persistência
são as leis deste Pombal
que mistura acre e sal
com a doçura do incenso
e, seja a bem ou a mal,
deixa Portugal suspenso
da sabença doutoral
do seu dedo impertinente.

DR. PALMEIRAS (*para Coronel*) — Percebeu, não percebeu?

CORONEL NAVARRO (*para Filomena*) — E a menina Filomena?

FILOMENA (*horrorizada*) — Eu? Eu não percebo nada disso. Eu não me meto em política.

CORONEL NAVARRO (*conclusivo, para Dr. Palmeiras*) — Quer dizer que percebeu.

[Filomena afastou-se. Começará a atender aquistas não identificáveis, que passam, espaçadamente, como sombras, pelo balcão da fonte termal. A ação convergirá no diálogo entre Coronel e Dr. Palmeiras. Entrarão e sairão pelas diversas portas de acesso aos balneários e outros serviços, tanto o enfermeiro Férenc (30 anos) como aquistas.]

CORONEL NAVARRO — Isto só pode ser obra daquele advogado choninhas de Coimbra.

DR. PALMEIRAS — O Dr. Amândio? A caligrafia não corresponde. Já verifiquei na ficha das termas.

CORONEL NAVARRO (*mostrando-lhe a folha do primeiro poema*) — E esta? Compare.

(Dr. Palmeiras lê, silenciosamente.)

CORONEL NAVARRO — «Que não ata nem desata»... Pega. Joga com estes versos.

DR. PALMEIRAS — A letra é parecida, mas o estilo não é o mesmo.

CORONEL NAVARRO (*desdenhoso*) — O estilo... O estilo... Estilo filho da puta. (*Procurando.*) Onde é que eu pus os óculos?

(*Dr. Palmeiras aponta para o tampo de uma mesa perto.*)

CORONEL NAVARRO (*pondo os óculos e reexaminando as folhas com os versos*) — Dr. Palmeiras, o nosso universo de suspeitos é limitado. Conhecemo-nos todos. Das águas, do hotel, do casino... E a maioria, a gente sabe... nem para rimar... lar com... amar. (*Entretanto, dobra e guarda as folhas dos dois poemas.*)

DR. PALMEIRAS (*estranhando*) — Lar com amar?

CORONEL NAVARRO (*muito afirmativo*) — Pois. Lar com amar.

DR. PALMEIRAS (*admirativo*) — Lar com amar...

CORONEL NAVARRO (*a desculpar-se*) — Ocorreu-me. (*Melancólico.*) Duns versos que fiz...

DR. PALMEIRAS (*muito surpreendido*) — O coronel? Também?

CORONEL NAVARRO — Versos de namoro, sabe o género?

(*Expressão do Dr. Palmeiras de desconhecimento e de indiferença.*)

CORONEL NAVARRO — É que a minha mulher chamava-se Guiomar. Lembra-se?

DR. PALMEIRAS — Perfeitamente. Excelente senhora.

CORONEL NAVARRO — Fez agora três anos que se despediu de mim. Ela sabia que era a última vez. Eu é que não queria acreditar. Minha querida mulher... Afundada na cama do hospital, magra, muito magra, deitou-me um sorriso tão desolado, tão condoído, como se tivesse mais pena de mim do que dela. Parece que balbuciou o meu nome... Mas quase não conseguia falar.

DR. PALMEIRAS (*compassivo*) — Não se atormente mais.

CORONEL NAVARRO — Acredite, doutor: havia naquele sorriso tanta ternura que até parecia que estava a pedir-me desculpa por me deixar só.

(*Gesto de compadecimento de Dr. Palmeiras.*)

CORONEL NAVARRO (*desalentado*) — Os meus amigos fartam-se de insistir: «Conforma-te, homem. Foi o destino, a vontade de Deus...» Mas qual quê! Não há meio. E já lá vão três anos... (*Comovido silêncio.*) Vínhamos sempre em agosto, no auge da animação. Ela passava o ano em casa, toda virada para o lar... e para os sobrinhos... (*Com impaciência.*) as doenças dos sobrinhos, os estudos dos sobrinhos. Pois, em chegando a primavera, era um corrupio para as modistas, a preparar *toilettes*, a aprimorar-se, para não fazer má figura ao meu lado. Como se isso fosse possível! Eu é que fiz sempre má figura ao lado dela.

DR. PALMEIRAS — Era uma senhora muito elegante.

CORONEL NAVARRO — Eu bem via os olhares cobiçosos com que a olhavam, nas festas do casino. Dançava, divinamente. (*Com uma ponta de vaidade.*) E eu fazia

os possíveis por não destoar... Na valsa inglesa, então, era uma delícia.

DR. PALMEIRAS — Recordo-me. Lindo par!

CORONEL NAVARRO — Por isso é que eu, agora, venho em maio, no princípio da época. Para não avivar recordações...

DR. PALMEIRAS (*cortante*) — Atenção. Ele vem aí.

CORONEL NAVARRO (*virando-se*) — Quem?

(*Já se deslocou do balcão dos aquistas o Dr. Amândio, de cerca de 30 anos. Vem um pouco à toa. Traz jornal dobrado debaixo do braço.*)

CORONEL NAVARRO (*afável*) — Dr. Amândio. Parece estar perdido...

DR. AMÂNDIO — Ando à procura do Férenk.

DR. PALMEIRAS (*esclarecendo o Coronel*) — Aquele rapaz húngaro que eu pus a trabalhar nos balneários. Veio recomendado... (*Gesto «por gente grada».*)

DR. AMÂNDIO — Tinha uma marcação com ele. E, como estou em jejum, convinha-me despachar.

DR. PALMEIRAS — O tratamento era...?

DR. AMÂNDIO (*depois de breve hesitação*) — Uma enteróclise.

CORONEL NAVARRO — O quê?

DR. PALMEIRAS (*esclarecendo o Coronel*) — Um clister.